

Rosso mostra suas credenciais

A menos de uma semana no cargo, administrador revela desembaraço e já é reconhecido por moradores de Ceilândia

SÉRGIO PARDELLAS

De tão íntimos, ambos parecem velhos conhecidos. A simbiose impressiona os mais incrédulos e, os incautos, faz transbordar de euforia. A sabedoria política impõe cautela aos prognósticos, mas o horizonte se descortina promissor. Pois a menos de uma semana como novo administrador de Ceilândia, Rogério Rosso já transita desenvolto pelas ruas da cidade e a região mais populosa do DF, com quase 400 mil habitantes, parece incorporar o seu *estilo* de gerenciar.

No primeiro sábado como administrador, Rosso foi acompanhado pela reportagem do **Jornal do Brasil** que observou de perto como o novo favorito do governador Joaquim Roriz está exercitando seus supostos atributos políticos. Após inaugurar a campanha pelo desarmamento na regional, que se estenderia durante todo o fim de semana (veja matéria abaixo), Rosso visitou as Feiras do Atacado e a Central de Ceilândia, uns dos mais tradicionais redutos da cidade. A julgar pela receptividade e o desembaraço com que se relacionou com os nativos, o escolhido do governador passou com folgas no primeiro teste de popularidade.



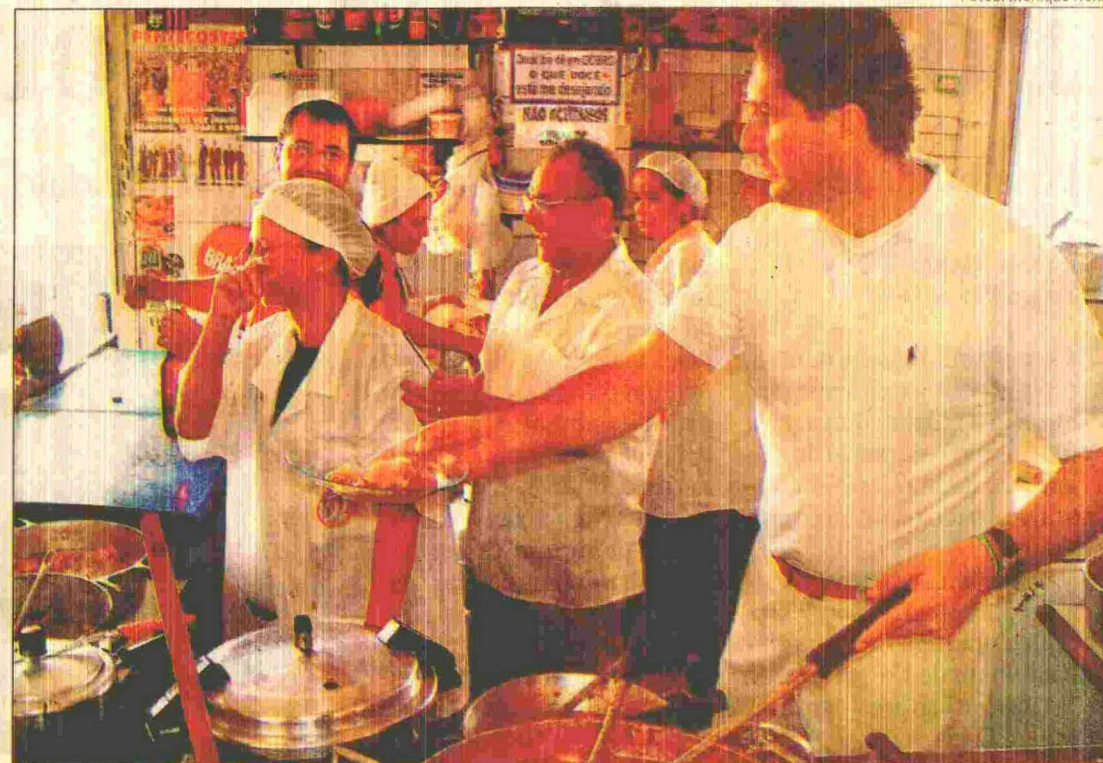
NA VISITA à Feira de Ceilândia, Rosso foi saudado por comerciantes

Reconhecido pela maioria dos comerciantes na Feira Central de Ceilândia, muitos dos quais se referindo ao novo administrador como “chefe” ou simplesmente “Rogério”, o carioca de 35 anos muito à vontade parecia já ser da casa, por assim dizer. Recebeu as boas vindas, cumprimentos e abraços calorosos, e, como não poderia deixar de ser, cobranças e os votos de uma boa gestão. “Precisamos revitalizar isso aqui. Se não a gente fecha Rogério”, apelou uma senhora, dona de um estabelecimento de roupas.

A resposta ao anseio da comerciante logo sinalizava para uma solução. Ou uma promessa, no linguajar característico

dos políticos: “Vamos encher a feira de gente divulgando não só na cidade mas em todo o DF”, disse o administrador para quem a transformação de Ceilândia numa “cidade-referência” passa pelo desenvolvimento econômico e a geração de empregos: “É o melhor caminho”, pregou o ex-executivo da Fiat e atual coordenador dos projetos especiais do governo Roriz, como o de estudo do trem-bala.

No almoço, o debutante na vida pública mostrou a receita de quem pretende conquistar de vez um lugar no coração dos ceilandenses. Dispensou o requinte e, no meio do povão sobre a bancada de uma modesta



NA BANCA de iguarias do Nordeste, Rosso não fez cerimônia: experimentou de sarapatel a baião de dois

banca que servia excêntricas comidas nordestinas, se lambuzou com as iguarias típicas da região: sarapatel, baião de dois, dobradinha e pescoço de peru. “Nasci no centro do Rio mas gosto muito desse tipo de comida do Nordeste”, confessou.

O périplo se encerrou com uma passagem rápida na administração da Feira. Mais cedo, em reunião com líderes de associações comerciais na Feira do Atacado – o segundo compromisso do dia – prometeu, num breve discurso, concentrar esforços para incluir as feiras da cidade nas agendas turística e econômica do DF. Exerceu um fascínio sobre os interlocutores ofuscando até a presença do deputado e Secretário de Infra-Estrutura e Obras, Tadeu Filippelli, também presente ao local.

– Ele [Administrador Rogério Rosso] é a esperança. Há muito estava para vir um homem dessa capacidade – disse o diretor

administrativo da Feira, Vilson de Oliveira.

A atenção especial às feiras livres de Ceilândia não é à toa. Os locais são uma alternativa para a mão-de-obra que não encontrou espaço na economia do DF. Na maioria delas são comercializados hortifrutigranjeiros, alimentos, roupas e calçados. A Feira do Atacado, por exemplo, comercializa para outros feirantes, e abastece quase 50% do DF. Gera 1,5 mil empregos diretos e 3 mil indiretos e é o 4º maior doador do país ao programa Desperdício Zero do Fome Zero federal. Em 2003, foram 58 toneladas. Potencial que não pode deixar de ser levado em consideração para quem, como Rosso, planeja dar prioridade à criação de novos postos de trabalho como mola propulsora do desenvolvi-

mento.

A Feira Central, de quinta-feira a domingo das 8h às 19h, ocupa uma área de sete mil metros quadrados e em seus 460 boxes são comercializados artigos de cama, mesa e banho, eletrodomésticos, frutas e verduras. O maior problema é a carência de recursos. A Feira foi erguida com dinheiro dos próprios comerciantes. Na maioria dos casos, as dívidas ainda não foram equacionadas e a receita é insuficiente para cobrir os gastos.

– Vamos tentar abrir uma linha de financiamento junto ao BNDES para ajudá-los – prometeu Rosso que, aos poucos, mesmo negando aspiração – “sou um técnico”, repete como um mantra – vai exibindo credenciais rumo à corrida eleitoral de 2006.

“Vamos encher de gente divulgando a Feira em todo DF”